

## UM ESPINHO NO TRABALHO E NA VIDA.

Juarez Poletto<sup>1</sup>

**Resumo:** A presente investigação aborda o motivo poético do trabalho na trajetória do personagem em *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, para destacar a exploração que o autor faz das rimas em [i], como ingrediente fundamental da construção de significados.

**Palavras-chave:** Poesia, trabalho, João Cabral de Melo Neto.

**Abstract:** The present investigation approaches the poetic motive of work in the plot trajectory of the character in *Morte e vida Severina*, by João Cabral de Melo Neto, in order to highlight the usage the author does on rhymes in [i], as a fundamental ingredient to build meanings.

**Keywords:** Poetry, work, João Cabral de Melo Neto.

*Morte e vida Severina e outros poemas para vozes*<sup>2</sup> é uma composição de 1954 com poemas para serem ditos ou representados, poemas dramáticos, com relatos construídos por vozes em diálogos. Destaco na obra a composição *Morte e vida severina* que tem por subtítulo: *Auto de natal pernambucano*, o que aponta seu caráter teatral, ainda que a palavra “auto” não cumpra sua função de designar uma peça de tendência religiosa. Na obra de João Cabral, a questão social ocupa o centro do palco, como é o caso de Severino e sua história de retirante nordestino que foge da morte precoce em busca de vida e para isso ruma para o litoral, na vã esperança de aumentar a farinha na cuia, a água na quartinha e talvez uma camisa nova e outra condição de vida.

O que se objetiva, ao deitar olhos para essa composição de poema dramático, é analisar a utilização do fonema [i] como recurso poético na construção do percurso da personagem e das experiências de trabalho que vive em sua trajetória da vida rural até a cidade.

Desde a identificação no início da caminhada, Severino se revela um trabalhador sem esperanças, cujo trabalho não costuma dar frutos:

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela UFPR. Professor do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão da UTFPR. Escritor com 4 romances e 4 coletâneas de poemas publicados.

<sup>2</sup> MELONETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina e outros poemas para vozes*. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989, p. 69-112.

*Somos muitos Severinos  
iguais em tudo e na sina:  
a de abrandar estas pedras  
suando-se muito em cima,  
a de tentar despertar  
terra sempre mais extinta,  
a de querer arrancar  
algum roçado da cinza.*

Primeiro, o personagem se identifica com outros de destino igual, com o trabalho infecundo da lavoura em terras secas; depois especifica a dificuldade, dada a rudeza da terra, mais pedra que terra; no final mostra ambigualmente as cinzas que identificam o tipo de roçado feito, após a queimada, mas também a inutilidade do roçado, já que da cinza nada nasce. Já nesse momento inicial, e se vai repetir no todo do poema, uma insistente presença de rimas em [i] contrastando com qualquer outra vogal, numa oposição entre agudeza e frouxidão, entre espinho e terra, entre fio da pedra e mão, algo que comprime e algo que distende, algo que machuca e algo que é machucado. O [i] tem até o formato do espinho que prolifera na caatinga e a ponta das pedras que ferem no solo. Como se o poema transitasse sonoramente entre a morte e a vida, entre o sertão e o litoral, entre a tensão e o desejo de distensão. No título aparece a rima entre *vida* e *severina*, assemelhando as duas palavras para designar a vida de que se quer dizer, vida que mais parece morte, mas que a ela se opõe. Ainda que se possa ler que tanto a vida quanto a morte sejam severinas, a rima entre *vida* e *severina* autoriza afirmar que ambas se confrontam com *morte*, são adversárias, pois o poema é a construção do trânsito da morte certa para a vida incerta. Na apresentação de Severino, composta de 69 versos, 44 deles têm rimas em [i]. Não nessa proporção, mas sempre que se caracteriza a vida de Severino ou o personagem faz alguma reflexão sobre ela, aparecem as rimas em [i], deixando intensamente presente o sinal de dor e severidade da existência.

No início da caminhada, ao encontrar os irmãos das almas que carregam um defunto a que Severino ajudará levar, também há a identificação do morto como trabalhador de um roçado, outro Severino lavrador, este proprietário de terra pouca e magra, com lavoura pequena nos ombros da serra, mas desejada por cobiçosos de expandir suas posses que o mandaram matar. Nesse episódio não há uma única rima em [i], pois não trata do personagem que emigra, que retorna na cena seguinte acompanhado de sua rima. Mais adiante, após se deparar com o velório de outro Severino, o retirante reflete sobre sua sina e outra vez aparecem as referidas rimas. Perdido o caminho para o litoral, porque o rio secou com o verão, Severino resolve procurar trabalho até o próximo inverno e, então, conversa com uma mulher de melhor aparência para saber de algum serviço que possa executar. Na longa conversa que tem, Severino expõe à mulher, uma a uma, todas as suas competências como trabalhador, a que a mulher sempre responde que esses

conhecimentos têm pouca serventia neste lugar, pois a terra é intratável, não há gado, os engenhos fecharam e as usinas requerem pouca mão-de-obra. A mulher insiste se Severino não saberá outras coisas, mas isso revolta o retirante que afirma ter passado fome, apesar de trabalhar, o que não causa susto à mulher, pois nesta terra é também assim. Então ela vai ao ponto que interessa e pergunta se Severino sabe enterrar defuntos com todas as rezas necessárias. Não. Ele só sabe acompanhar. Se soubesse, a mulher lhe oferecia dividir o trabalho, pois há freguesia para tanto, e passa a relatar os únicos tipos de trabalho que vingam no lugar: são os trabalhos de ajudar a morte, funções mais fáceis que as da roça e com lucro garantido. Em toda essa longa conversa todas as rimas são em [a], som que assenta e se acomoda, som que retrata a busca de Severino: um trabalho para descansar da descida, onde aquietar por um tempo o corpo.

As imagens de trabalho que se vão construindo são todas desalentadoras, porque ou não há o que fazer, ou se morre ao fazer, ou o que se faz não traz benefícios, se traz, envolvem a desgraça de alguém. É nessa condição decepcionante que Severino chega ao canavial e se deslumbra com a terra macia, cheia de água, que ele chama de feminina e onde pretende plantar sua sina, já que não teme trabalho e o vislumbra melhor ou até não tão intenso, uma vez que tem a impressão de que nessa terra é possível até tirar férias.

*Por onde andará a gente  
que tantas canas cultiva?  
Feriando: que nesta terra  
tão fácil, tão doce e rica,  
não é preciso trabalhar  
todas as horas do dia,  
os dias todos do mês,  
os meses todos da vida.  
Deserto a gente daqui  
jamais envelhece aos trinta  
nem sabe da morte em vida,  
vida em morte, Severina;  
e aquele cemitério ali, branco na verde colina,  
decerto pouco funciona  
e poucas covas aninha.*

Esse momento de reflexão sobre a possibilidade de Severino ter encontrado um lugar aprazível com trabalho ameno, a descrição de um bom momento com a esperança de vida melhor, é todo acompanhado novamente pelas rimas em [i], como se alguma coisa aguda o estivesse cutucando a ferir constantemente ou avisando do engano da situação; como se por trás dessa bonança houvesse algo escondido, um espinho oculto pronto para físcar. É o que acontece, quando Severino vê o cemitério branco na colina, onde parecia haver poucas covas.



Entretanto, outro Severino, trabalhador do eito, está sendo enterrado. Durante a cerimônia – séria e piedosa, embora irônica – os companheiros do defunto cantam e falam de sua condição agora melhor do que antes, pois finalmente terá uns palmos da terra que em vida não teve e finalmente residirá em sua casa, além de o que produzir na terra será seu. Ao falar do corpo sendo posto na terra, os companheiros retratam uma semente e o trabalho de semear que o defunto sempre realizou em vida. A única coisa que plantam e que traz algum sossego aos trabalhadores é o corpo que enterram, pois se aquietam das tensões da vida. Nesse trecho todo da cerimônia de enterro há rimas em [i], mas não predominam. Marcam presença, pois revelam a decepção de Severino ante as expectativas que criou. No episódio, outra vez o trabalho é infrutífero, mesmo quando as condições naturais poderiam trazer benefícios, porque não se trabalha para o bem-estar próprio, mas alheio. É trabalho submisso, não libertador.

Solitário, outra vez Severino reflete sobre sua condição, sua fuga da morte e busca da vida, sua procura infeliz de trabalho, seu desejo de vida melhor; e outra vez essa reflexão é toda construída em rimas com [i], como ao comparar a vida a uma *lamparina* que *ilumina* com chama *mortiça*, e a caminhada do retirante ao trajeto do rio na *caatinga* que *convida* a parar de *fadiga*, mas que precisa seguir do rosário todas as *ave-marias* que a *linha do rio enfia* até chegar à *ladainha* (Recife) onde a viagem se *fin*a. A meta – Recife – também tem sua vogal tônica em [i] e é lá que a viagem alcança seu objetivo que na reflexão de Severino *se fin*a, isto é, morre. Já está aí o prenúncio de que não terá sossego, pois o espinho continuará a ferir no Recife, aliás o termo sugere pedras que machucam.

Resta a Severino apressar o passo e chegar logo à cidade e alcançar seu objetivo. Mas é irônica sua condição, pois quando chega, descansa ao lado de um muro e ouve a conversa dos coveiros sobre o excesso de trabalho nos cemitérios e o desejo de mudar para setores menos cansativos. Morrem pessoas de todas as classes, não importa que profissão exerçam, mas, após a morte, persiste a divisão por classes, pois cada um é enterrado num setor do cemitério, conforme sua condição econômica. Interessantes, na conversa entre os coveiros, as motivações de cada um para o trabalho neste ou naquele ‘bairro’: num há gente demais para enterrar e nem gorjetas existem, noutra há gorjetas, mas é preciso trabalhar de farda engomada e limpa. Lidar com a morte se tornou para eles tão comum que não pensam em perda ou dor, sofrimento ou vazio, transcendência ou não. É apenas trabalho e como tal, se melhores as condições, menos desprazer. Severino, que a essa conversa ouve, perde o resto das ilusões que mantinha, pois percebe que nem trabalhador é, é indigente e como tal será enterrado, afinal, ao dizer da viagem que fazem os retirantes, o coveiro afirma que eles “vêm é seguindo seu próprio enterro”. Algumas rimas em [i] estão espalhadas pela conversa, mas quando falam do retirante e do trabalho que dão para enterrar, elas se concentram como algo que se salienta no próprio texto:

*Mas o que se vê não é isso:  
é sempre nosso serviço  
crescendo mais cada dia;  
morre gente que nem vivia.  
E esse povo lá de riba  
de Pernambuco, da Paraíba,  
que vem buscar no Recife  
poder morrer de velhice,  
encontra só aqui chegando,  
cemitérios esperando.*

De desilusão em desilusão, Severino chega ao fundo do poço: não pretendia deixar de trabalhar ao chegar ao Recife, queria apenas fugir da morte de que se morre “de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte e de fome um pouco por dia”, mas agora sabe que nem isso terá. Em mais esse momento em que Severino pensa de si para si e percebe a agudez de sua situação e decide pela morte e não pela vida, o [i] se faz intensamente presente. É o som agudo que irrita o ouvido, que apita constantemente a condição severina e que no momento crucial em que chega ao fim da linha está ali ainda como um alerta piscando. Se antes sempre representou o espinho, agora talvez simbolize o apito.

Então, antes de Severino realizar seu intento, aproxima-se um morador com quem conversa: José, um mestre carpina (carpinteiro) que há muito habita o lamaçal da beira do rio e que nunca deixou de trabalhar para comprar sua vida a retalho, adquirida diariamente. Severino questiona essa vida adquirida a prestação, sempre conquistando pouco e insinua a José que pretende outra saída: “saltar da ponte da vida”. A presença das rimas em [i] ocorre nas falas de Severino, e não apenas nos finais de versos, mas à medida que se intensifica a tensão e se aproxima a fala que sugere o suicídio. Observem-se as três últimas falas de Severino:

*Seu José, mestre carpina,  
que lhe pergunte permita:  
há muito no lamaçal  
apodrece sua vida?  
E a vida que tem vivido  
Foi sempre comprada à vista?  
[...]  
Seu José, mestre carpina,  
e que interesse, me diga,  
há nessa vida a retalho  
que é cada dia adquirida?  
espera poder um dia  
comprá-la em grandes partidas?*

[...]  
*Seu José, mestre carpina,  
que diferença faria  
se em vez de continuar  
tomasse a melhor saída:  
a de saltar, numa noite,  
fora da ponte e da vida?*

Mas a conversa, providencialmente interrompida pelo nascimento do filho de José, será retomada mais tarde. Por ora se canta a nova vida da criança que poderá ser como a do pai, catando caranguejo ou quem sabe seja um homem de ofício, um operário com condição melhor, não sujo de lama, mas de graxa. Sempre retorna o trabalho como condição da vida, como perspectiva de futuro, como limite ou possibilidade. Durante toda apresentação e descrição da criança, outro ser que padecerá, estão construídos os contrastes dessa vida: dão-se presentes que revelam a miséria dos doadores, mas também sua solidariedade com a nova vida semelhante às suas; são feitas predições que apontam a repetição das dificuldades futuras, mas talvez viva dias melhores; se diz da formosura do recém-nascido, é, porém, uma criança franzina, mas ainda assim uma vida sadia que infecciona a miséria. A criança se torna o símbolo da possibilidade, pois é “um sim / numa sala negativa”.

Severino que acompanha as comemorações familiares, a aproximação e solidariedade dos vizinhos, a predição dos possíveis destinos da criança, recebe finalmente a resposta de José à pergunta que fizera: se não valia mais saltar fora da vida. José não tem resposta definitiva à questão, mas está convencido de que a vida sempre se renova e que não se extinguirá, mesmo sendo severina e que não vale a pena matar-se, pois a vida é como uma fábrica de mais vida que a cada momento explode e se fabrica e se mantém ativa. Nesse momento, a fala de mestre carpina também se preenche de [i]. Esse som revela o entrelaçamento e compreensão entre as condições de Severino e José, ambos retirantes, frutos da mesma realidade e destino. O que chega ao Recife está destituído de esperança, o que já ali se estabeleceu, mesmo em condição precária, já começa a renovação da vida. Este será o apoio àquele, ainda que o espinho da dificuldade permaneça ativo. Se *severina* adjetiva *vida* e lhe atribui dificuldades, *vida* é substantivo e se impõe ao adjetivo permanecendo viva como a onda que sempre se renova. Essa vida severina que nasceu e que sempre se refaz nesse solo pedregoso, é como o espinho que brota nas terras secas e calcinadas, é fruto de parto difícil e de crescimento franzino e retorcido como a caatinga, mas que resiste à seca, que suporta o verão e sempre verdeja nas inverniais. Essa é a metáfora do homem sertanejo: um espinho que se locomove do sertão à cidade para dizer que existe, para expor-se aos olhos do poder e afirmar que resiste, mas que gostaria, precisaria e, quem sabe, não fosse tão solitário, exigiria uma maior atenção para suas necessidades.



João Cabral de Melo Neto discute no poema dramático a condição de miséria e quase impossibilidade de opções para o homem sertanejo nordestino romper com o ciclo em que está preso. Na abordagem do homem vem junto a situação do trabalho rural explorado e sem horizonte. Sem romper com a realidade do trabalho nos moldes em que é feito, não se altera a situação do homem. Não se trata apenas das limitações do clima que impedem o homem de prosperar, até em alguns lugares há essa interferência, mas os empecilhos principais são de outra ordem: reforma agrária, ignorância, submissão, opressão. As terras não estão disponíveis para quem pode e quer cultivá-las, pois têm donos que querem sempre ampliar suas posses. Esses donos submetem os trabalhadores a condições de miserabilidade e dependência, quando estes não se submetem são oprimidos e, na sua ignorância, aceitam as condições impostas.

Em nenhum momento do poema ocorre qualquer explicitação relativa a alguma ação ideológica ou social, há a concentração num personagem e em sua condição solitária de homem que procura, isoladamente, solução para seus problemas, ainda que se diga igual a outros tantos severinos, iguais em tudo na vida, nascidos na mesma terra e dividindo a mesma sina. Mas está exatamente aí, na luta solitária, o grande impedimento para alcançar o objetivo de uma vida melhor, que só pode ser fruto de um trabalho unido em busca de objetivo comum. Todos os severinos isolados em indivíduos tornam-se presa fácil do poder econômico, que joga com a fraqueza de um conjunto que inexistente. É dentro desse contexto que as Ligas Camponesas, de orientação comunista, e mais tarde as Comunidades Eclesiais de Base ou a Comissão Pastoral da Terra, organizadas pela Igreja, vão exercer sua função, tentando organizar os agricultores, unindo-os e instruindo-os para resistir aos coronéis donos das terras. Eis a primeira das faces do trabalho no Brasil que entra em tensão nos anos cinquenta do século XX, mais de sessenta anos depois de abolida a escravidão e que a poesia não deixou escapar, quer em versos construídos para a atitude e o gosto popular, como fez Ferreira Gullar<sup>3</sup>, quer para o interesse intelectual e estético, como fez João Cabral.

---

<sup>3</sup> No início dos anos 60 do século XX, Ferreira Gullar, associado ao Centro Popular de Cultura da UNE, escreveu literatura de cordel como caminho para alertar os camponeses sobre a exploração de seu trabalho e como meio de organizá-los coletivamente para o enfrentamento da situação. Veja-se o texto “João Boa-Morte, Cabra Marcado para Morrer”.